

Pesquisa de comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas

*Maria Immacolata Vassallo de Lopes**

Resumo

Este texto trata da pesquisa de Comunicação na América Latina frente a duas entradas - as condições sociais de sua produção e o processo de sua produção - e a uma só saída: a produção de conhecimento legitimada por sua relevância social e por seu rigor teórico e metodológico. São assinaladas questões de ordem epistemológica, teórica e metodológica e propostos esquematicamente os principais pontos para um modelo de metodologia.

Palavras-chave: comunicação, metodologia, epistemologia.

Resumen

Este texto trata de la investigación de Comunicación en Latinoamérica frente a dos entradas - a las condiciones sociales de su producción así como al proceso de producción - y a una sola salida: la producción de conocimiento legitimada por su relevancia social y por su rigor teórico y metodológico. Se destacan cuestiones de orden epistemológico, teórico metodológico y se proponen los principales puntos para un modelo de metodología.

Palabras-clave: Comunicación, metodología, epistemología.

* Professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Abstract

This text deals with Communication research in Latin America from two starting points - social conditions of its production and the process of its production - and only one way out: the production of knowledge legitimated by its social relevance and by its theoretical and methodological rigour. Epistemological, theoretical and methodological questions are pointed out; as well as some propositions for a model of methodology are presented.

Keywords: Communication, methodology, epistemology.

Esclarecimentos sobre o ponto de partida

O tema é por demais complexo. Por isso, menos que querer abarcar o tema de forma exaustiva — o que não comporta a organização em artigo — pretendo pontuar as questões indicadas como de ordem epistemológica, teórica e metodológica tal como as concebo a partir de onde elas se encontram, isto é, na própria prática da pesquisa que é em essência uma prática metodológica. Vejo a metodologia da pesquisa como um processo de tomada de decisões e opções que estruturam a investigação em níveis e em fases e que se realizam num espaço determinado que é o espaço epistêmico.

Quero dizer que o ponto de vista que rege estas considerações é metodológico *stricto sensu*, isto é, interno ao fazer científico e onde ele se confunde com a reflexão epistemológica. Dois pontos devem ser de antemão destacados neste enfoque. O primeiro é que a epistemologia será tratada ao nível operatório, na tradição bachelardiana, isto é, como nível da prática metodológica entendendo que a reflexão epistemológica opera internamente à prática da pesquisa. Em outros termos, isto garante que os princípios de cientificidade operam internamente à prática científica, ou seja, a crítica epistemológica rege os critérios de validação interna do discurso científico.

O segundo ponto é que esta perspectiva epistemológica não é suficiente se não for combinada aos critérios de validação externa apoiados na crítica feita pela sociologia do conhecimento. Segundo Bourdieu (1975: 99), “é na sociologia do conhecimento que se encontram os instrumentos para dar força e forma à crítica epistemológica, revelando os supostos inconscientes e as petições de princípio de uma tradição teórica”.

Desta forma, minhas considerações não podem ser entendidas como um discurso cientificista, genérico e abstrato, antes, pelo contrário, entendo a prática da pesquisa como prática sobredeterminada por condições sociais de produção e *igualmente* como prática que possui uma autonomia relativa. Esta é dada por uma lógica interna de desenvolvimento e de autocontrole, o que impede que ela se converta numa mera caixa de ressonância de normas externas e, portanto, em discurso totalmente ideológico. Ao final, a prática da pesquisa é concebida como um campo de forças, submetida a determi-

nados fluxos e exigências internas e externas.

As condições de produção da pesquisa de Comunicação

Como recurso de crítica epistemológica da pesquisa de Comunicação vou retomar algumas concepções da sociologia da ciência. Aqui, a ciência é vista como um sistema empírico de atividade social que se define por um certo tipo de discurso decorrente de condições concretas de elaboração, difusão e desenvolvimento. São as condições de produção que definem o horizonte dentro do qual se movem as decisões que permitem falar de uma certa maneira sobre um certo objeto.

Em outro texto (Lopes, 1997), indiquei que essas condições de produção de uma ciência podem ser resumidas em três grandes contextos. O primeiro é o contexto discursivo, no qual podem ser identificados paradigmas, modelos, instrumentos, temáticas que circulam em determinado campo científico. Trata-se propriamente da história de um campo científico, os percursos pelos quais ele vem se constituindo, firmando suas tradições e tendências de investigação. O segundo fator é o contexto institucional, que envolve os mecanismos que medeiam a relação entre as variáveis sociológicas globais e o discurso científico, e que se constituem em mecanismos organizativos de distribuição de recursos e poder dentro de uma comunidade científica. Corresponde ao que Bourdieu (1983) chama de campo científico. E o terceiro fator que é o contexto social ou histórico-cultural, onde residem as variáveis sociológicas que incidem sobre a produção científica, com particular interesse pelos modos de inserção da ciência e da comunidade científica dentro de um país ou no âmbito internacional.

Com estas breves considerações feitas pela ótica da sociologia da ciência, quero sublinhar que o conhecimento científico é sempre o resultado desses múltiplos fatores, de ordem científica, institucional e social, os quais constituem as condições concretas de produção de uma ciência.

Como se tem traduzido no campo da Comunicação a preocupação com esses diversos contextos de produção de seu discurso

científico? A meu ver, através de um enorme interesse pelo contexto social ou macrosocial da produção científica, um raro interesse pelo contexto institucional e um crescente interesse pelo contexto discursivo. Explico rapidamente este meu diagnóstico.

1. A globalização, em seus mais variados aspectos, tornou-se o tema hegemônico nos atuais estudos e reflexões no campo da Comunicação. Sem deixar de apontar os malefícios simplificadores acarretados pela reedição do velho debate frente à cultura de massas, a que Moragas (1997) identifica agora entre “neo-apocalípticos” e “neo-integrados” frente ao atual modelo de sociedade, eu gostaria de reter os estudos sérios que abordam questões cruciais sobre a nova fase de desenvolvimento do capitalismo neoliberal, traduzindo-as para a imperiosa necessidade de compreender a globalização em sua densidade e ambigüidades, propondo tematizá-la através de pistas conceituais, tais como “cultura-mundo” (Martín-Barbero, 1998), “comunicação-mundo” (Mattelart, 1994), “sociedade da comunicação” (Vattimo, 1992), “paradigma da globalização” (Ianni, 1994).

O que estas pistas fazem é acenar para a centralidade da comunicação para o próprio modo organizativo da sociedade contemporânea, isto é, em que a comunicação passa a operar ao nível das lógicas internas de funcionamento do sistema social. O que há de novo nisto é que o campo da Comunicação complexifica-se enormemente, tornando explícito o erro epistemológico de continuar tratando a comunicação como objeto de estudo numa perspectiva meramente instrumental, quer seja através da crítica meramente ideológica, quer seja através da afirmação funcionalista. Assim, considero que o enorme interesse pelo tema da globalização tem gerado aportes renovadores nos estudos de Comunicação, no sentido de realizar encontros disciplinares, propor novas categorias de análise e de propiciar um trabalho conceitual mais complexo.

2. Ao considerar a reflexão sobre o contexto institucional da produção científica que se faz no campo da Comunicação, o cenário é pobre. Trata-se de constatar, em primeiro lugar, o reduzido interesse sobre como se institucionalizam os estudos de Comunicação em nossos países.¹ Mas, também verificar a ausência de reflexão sobre mecanis-

mos e processos institucionais dentro dos projetos de pesquisa, a começar pela reflexão sobre a própria escolha de um objeto de estudo que, como bem sabemos, também está condicionada aos não poucos visíveis mecanismos de fomento à “pesquisa induzida”. Aqui também se coloca a questão do prestígio de determinados grupos de pesquisa ou do poder de certos circuitos intelectuais principalmente vinculados às associações científicas, à administração universitária ou aos processos de seleção e de avaliação da produção intelectual. Acredito que estas questões da institucionalização científica e acadêmica da pesquisa de Comunicação deveriam ser objeto mais assíduo de “papers” e de seminários e tomar como foco central a questão da formação do pesquisador de Comunicação, iniciando com o lugar da pesquisa em nossos cursos de graduação até o equacionamento da pesquisa dentro de políticas de pós-graduação (mestrado, doutorado, e as experiências brasileiras com o mestrado profissionalizante, mestrado e doutorado interinstitucional).

3. Por outro lado, o interesse pelo que chamei de contexto discursivo da ciência e, mais especificamente, de história do campo, tem crescido e se generalizado por toda a América Latina. Uma das questões centrais tem girado em torno da condição disciplinar da Comunicação, que tem sido objeto especial de preocupação nesta década dos 90.² A história do campo da Comunicação tem sido marcada pela diversidade teórica e pela historicidade de seu objeto, as quais são marcas distintivas da identidade do campo das Ciências Sociais e Humanas, de que ele forma parte. Como tratei em outro lugar (Lopès, 1998), a origem de campos de estudos interdisciplinares como a Comunicação reside em movimentos de convergência e de sobreposição de conteúdos e metodologias que se fazem notar de forma crescente no desenvolvimento histórico recente dessas ciências. Os principais desafios epistemológicos, teóricos e metodológicos parecem advir da confluência do paradigma histórico da globalização (Ianni, 1994), do paradigma epistemológico da complexidade (Morin, 1995) e de um novo paradigma institucional (Wallerstein, 1996). O que chamo aqui de “paradigma institucional” é resultado de uma reflexão multidisciplinar coordenada por este último autor sobre a reestruturação das Ciências Sociais que conclui serem as delimita-

tações das disciplinas sociais mais o resultado de movimentos de institucionalização dessas ciências, do que de imperativos provenientes de seus objetos de estudo, ou seja, de exigências de natureza propriamente epistemológica.

O problema é que essa partilha disciplinar levou a um saber especializado em disciplinas institucionalizadas quando hoje, qualquer análise requer necessariamente várias disciplinas. Põe-se em dúvida se ainda há algum critério que possa ser usado para assegurar, com relativa clareza e consistência, as fronteiras entre as disciplinas sociais. Ao que Wallerstein (1990:402) responde: “Todos os critérios presumíveis — níveis de análise, objetos, métodos, enfoques teóricos — ou não são mais verdadeiros na prática, ou, se mantidos, são obstáculos a conhecimentos posteriores, antes do que estímulos para a sua criação”. É claro que, a não ser por mau entendimento, esta minha posição não deve ser vista como uma defesa ingênua de um ecletismo estéril, muito menos como uma “tendência autofágica de eliminação das fronteiras entre as disciplinas tradicionais, o que inibe ou bloqueia a institucionalização dos novos campos do saber, como a Comunicação” (JBCC, 1999).

O processo de produção da pesquisa de Comunicação

Falar de metodologia implica sempre um falar pedagógico, pois se parte, de todo modo, de uma determinada concepção de pesquisa, ou mais propriamente, de uma determinada teoria da pesquisa que é concretizada na prática da pesquisa. O efeito desse falar remete invariavelmente a um “como fazer pesquisa”.

Assim, quero sublinhar que as presentes ponderações derivam de minha prática com o ensino de metodologia, com a avaliação institucional de projetos de pesquisa de mestrado e de doutorado na ECA-USP³, além, é claro, de minhas próprias experiências de investigação. Isso tem me dado, pelo menos, a possibilidade de basear minha concepção na crítica à prática concreta da pesquisa, basicamente a brasileira.

Desenvolvi, ao longo dessa prática, um modelo metodológico para a pesquisa empírica de Comunicação e vou usá-lo como re-

ferência para as observações que se seguem sobre a prática da pesquisa de Comunicação.

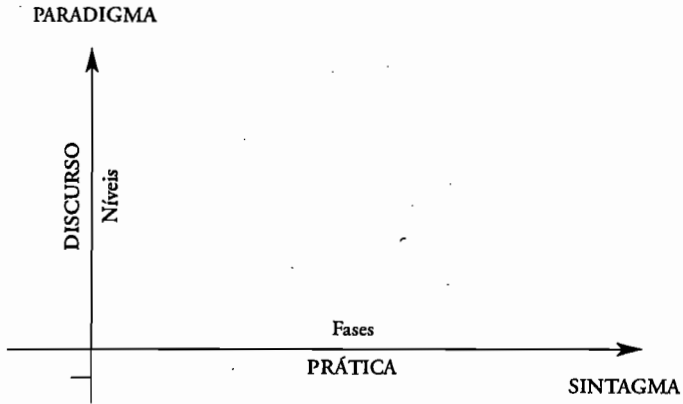
Dois são os *princípios básicos* que regem esse modelo: 1) a reflexão metodológica não se faz de modo abstrato porque o saber de uma disciplina não é destacável de sua implementação na investigação. Portanto, o método não é suscetível de ser estudado separadamente das investigações em que é empregado; 2) a reflexão metodológica não só é importante como necessária para criar uma atitude consciente e crítica por parte do investigador quanto às operações que realiza ao longo da investigação. Deste modo, torna-se possível internalizar um sistema de hábitos intelectuais, que é o objetivo essencial da Metodologia.

Apóio-me em ensinamentos da lingüística (Jakobson) para abordar a ciência como linguagem e, como tal, constituída por dois mecanismos básicos, de seleção e de combinação de signos, aquele operando no eixo vertical, paradigmático, ou da língua, e este no eixo horizontal, sintagmático ou da fala. As decisões e opções na ciência, que são do eixo do paradigma, são feitas dentro do conjunto das possibilidades teóricas, metodológicas e técnicas que constituem o “reservatório disponível” de uma ciência num dado momento de seu desenvolvimento num determinado ambiente social.

Essas opções são atualizadas através de uma cadeia de movimentos de combinação, que são do eixo do *sintagma* e que resultam na prática da pesquisa. Assim, o campo da pesquisa é, ao mesmo tempo, estrutura enquanto se organiza como discurso científico e é processo enquanto se realiza como prática científica. É o que se visualiza no Gráfico 1.

Gráfico 1

CAMPO DE PESQUISA



Desta maneira, a presente concepção metodológica ressalta que a pesquisa não é redutível a uma seqüência de operações, de procedimentos necessários e imutáveis, de normas rigidamente codificadas, que converte a metodologia numa tecnologia, num receituário de “como fazer” pesquisa, com base numa visão “burocrática” de projeto, o qual, fixado no início da pesquisa, é convertido numa verdadeira camisa-de-força que transforma o processo de pesquisa num ritual de operações rotinizadas.

Quero ressaltar que um ponto central dessa concepção de pesquisa é a noção de modelo que ela acarreta. Seu postulado é a autonomia relativa da metodologia, isto é, um domínio específico de saber e de fazer e o decorrente trabalho metodológico reflexivo e criativo.

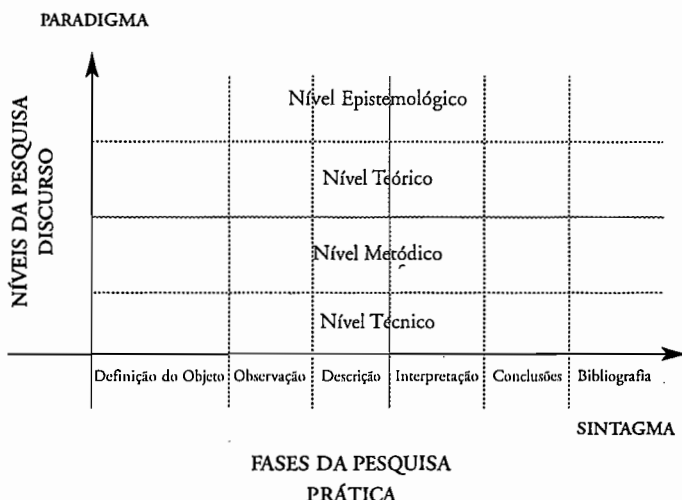
Mas, por quê construir um modelo metodológico para a pesquisa de Comunicação? Como lembra Granger (1960), a tarefa da ciência é a construção de modelos que objetivam a experiência, mesmo que sua realização seja sempre aproximativa, uma vez que o

trabalho científico assenta sobre uma inadequação, uma tensão sempre presente entre o pensamento formal e a experiência humana que pretende conceituar. Talvez seja na presença mesma dessa tensão entre o discurso científico e o real que se assenta o ideal de compreensão da ciência.

O modelo metodológico que apresento articula o campo da pesquisa em níveis e fases metodológicas, que se interpenetram dialeticamente, do que resulta uma concepção simultaneamente topológica e cronológica de pesquisa. A visão é a de um modelo metodológico que opera em rede. O eixo paradigmático ou vertical é constituído por quatro níveis ou instâncias: epistemológica, teórica, metódica e técnica; o eixo sintagmático ou horizontal é organizado em 4 fases: definição do objeto, observação, descrição e interpretação. Cada fase é atravessada por cada um dos níveis e cada nível opera em função de cada uma das fases. Além disso, os níveis mantêm relações entre si e as fases também se remetem mutuamente, em movimentos verticais, de subida e descida (indução/dedução, graus de abstração/concreção) e de movimentos horizontais, de vai-e-vem, de progressão e de volta (construir o objeto, observá-lo, analisá-lo, retomando-o de diferentes maneiras). É o que se representa no Gráfico 2.

Gráfico 2

MODELO METODOLÓGICO DE PESQUISA



Esse modelo metodológico pretende ser crítico e operativo ao mesmo tempo. Em ciência, todo modelo é uma representação ou um simulacro construído que permite representar um conjunto de fenômenos e que é capaz de servir de objeto de orientação (Greimas e Courtés, s/d). No nosso caso, é construído conscientemente com fins de descrição, explicação e de aplicação concreta.

Esta aplicação vem sendo testada concretamente há pelo menos 10 anos em projetos de pesquisa de Comunicação em cursos de graduação, porém, sua aplicação tem se dado fundamentalmente nos de pós-graduação. Devido ao lugar “estratégico” que venho ocupando, tenho tido a possibilidade especial de analisar projetos de pesquisa e acompanhar os usos do modelo nas pesquisas acadêmicas de Comunicação.

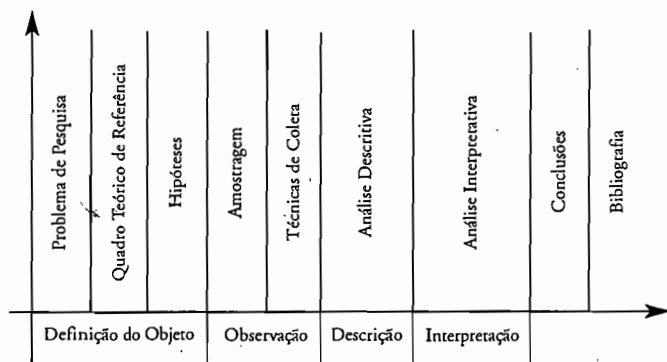
Esse uso tem se dado como modelo de leitura metodológica ou de reconstrução metodológica de pesquisas já realizadas e como

modelo de prática metodológica ou de construção metodológica de pesquisas. Como se nota, o modelo incide não na superfície do discurso, mas no nível de sua estrutura onde se dão as operações de construção do discurso científico. E a pedra de toque é que esse discurso é feito de opções e decisões que implicam a responsabilidade intransferível do autor pela montagem de uma estratégia metodológica de sua pesquisa, o que impõe que as opções sejam tomadas com consciência e explicitadas enquanto tal: uma opção específica para uma particular pesquisa em ato.

Construir metodologicamente uma pesquisa é operar, praticar os seus níveis e as suas fases. Portanto, no modelo, cada nível e cada fase se realizam através de operações metodológicas. É o que se apresenta por exemplo nos Gráficos 3.

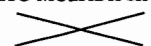
Gráfico 3

COMPONENTES SINTAGMÁTICOS DO MODELO METODOLÓGICO



Não cabe aqui fazer uma exposição do modelo, já feita em outro lugar (Lopes, 1990). Antes, gostaria de apresentar algumas questões críticas relativas à pesquisa de Comunicação reveladas pelo uso desse modelo. Elas estão equacionadas na Figura 1.

Figura 1

PRINCIPAIS OBSTÁCULOS METODOLÓGICOS NAS PESQUISAS DE COMUNICAÇÃO	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Ausência de reflexão epistemológica - história do Campo <ul style="list-style-type: none"> - campo interdisciplinar: concepção objeto-método - reflexividade e crítica das operações de pesquisa 2. Fraqueza teórica - insuficiente domínio de teorias <ul style="list-style-type: none"> - imprecisão conceitual - problemática teórica x problema empírico 3. Falta de visão metodológica integrada - níveis / fases <ul style="list-style-type: none"> - nível teórico x nível técnico - objeto x observação x análise 4. Deficiente combinação métodos / técnicas - exigência de estratégia multimetodológica 5. Pesquisa descritiva - levantamento x pesquisa social 6. Dicotomia pesquisa quantitativa x pesquisa qualitativa 	<p>OBJETO MULTIDISCIPLINAR</p>  <p>MULTIMETODOLÓGICA</p>
PARA UM PARADIGMA DA COMPLEXIDADE	

Ausência de reflexão epistemológica

O nível epistemológico da pesquisa é o espaço onde se decide o ajustamento entre o sujeito e o objeto de conhecimento. É

dado pelo exercício permanente da vigilância, da crítica e da reflexividade sobre os todos os atos de pesquisa. A concepção de epistemologia aqui adotada é marcadamente bachelardiana (Bachelard, 1949, 1972, 1974).

A operação de ruptura epistemológica é de fundamental importância, pois marca a consciência da distância entre o objeto real e o objeto de ciência. Mesmo sem entrar aqui na espinhosa questão da relação entre a ciência e o conhecimento comum e o tratamento dado ao senso comum nas pesquisas empíricas, ou seja, quer se trate apenas de uma ou mais rupturas (Sousa Santos), ou da necessidade de se mergulhar no “saber local” (Geertz, 1997), apesar de toda a polêmica epistemológica, acredito que acima de tudo, é preciso criticar a “ciência espontânea”, parafraseando Bourdieu (1995).

A predisposição de tomar, como dados, objetos pré-construídos pela língua comum é um obstáculo epistemológico amplamente notado nas pesquisas de comunicação. Daí o efeito de obviedade que tem diante de muitas pesquisas de Comunicação. A reflexão epistemológica alerta para a ilusão de transparência do real, fixa o plano da ciência como plano conceitual (que exige o trabalho dos e com os conceitos) e, principalmente, revela que o objeto não se deixa apreender facilmente, uma vez que é regido por uma complexidade que o torna opaco e exige operações intelectuais propriamente teóricas para a sua explicação.

Outra operação de caráter epistemológico é a construção do objeto científico. O objeto é um sistema de relações expressamente construído. É construído ao longo de um processo de objetivação, que se dá através da escolha, recorte e estruturação dos fatos até os procedimentos técnicos de coleta dos dados. A objetivação é o conjunto dos métodos e das técnicas que elaboram o objeto de conhecimento ao qual se refere a investigação.

Temos aí a base epistemológica de elaboração da problemática da pesquisa. É a problemática da pesquisa, ou em termos mais precisos, o objeto teórico, que permite submeter a uma interrogação sistemática os aspectos da realidade postos em relação por um conjunto de questões teóricas e práticas, que lhe são colocadas. As respostas antecipadas a essas questões integram a fase de elaboração das hipóteses que devem estar presas conceitualmente à problemática.

Uma vez que os aspectos ou fatos da realidade não são dados, estes, quando obtidos através das técnicas de investigação, já implicam em supostos teóricos. A crítica epistemológica das técnicas deve ser feita já na própria elaboração da problemática da pesquisa, rompendo com a tradicional visão da “neutralidade axiológica” das técnicas pela concepção de técnicas como “teorias em ato”. Como se vê, o nível ou a dimensão epistemológica na pesquisa não é algo abstrato, mas é traduzida concretamente por uma operação de vigilância permanente sobre todas as etapas da pesquisa.

Nas pesquisas de Comunicação, a ausência ou precariedade da reflexão epistemológica pode ser grandemente traduzida por uma falta de visão do campo da Comunicação como campo de conhecimento que tem uma história, ou seja, de um desconhecimento da história do campo. Infelizmente, uma crítica epistemológica desse conhecimento é algo raro entre nós. Quase sempre ela nos aparece em coletâneas, “readers” ou manuais, em que um conjunto de autores (porque os selecionados e não outros?) são apresentados através de fragmentos de seus escritos, aos quais seguem-se outros, esperando-se talvez que os nexos entre eles sejam feitos na cabeça do leitor que passaria então a ter uma “visão do campo”. Sabemos que isso não se dá assim. Nosso campo já tem história suficiente que proíbe que ela seja reduzida a uma seqüência linear de teorias do tipo “funcionalismo-marxismo-estruturalismo-informacionismo-pós-modernismo”. A impressão que fica é a de uma colagem, e o que resulta são apenas informações sobre as teorias.

Quando digo “história do campo” refiro-me à necessidade de abordagem no nível da construção do conhecimento, dos conceitos criados. Há falta de pesquisa sobre as teorias ou teóricos da Comunicação, ao nível de sua construção teórica e metodológica (toda teoria implica uma metodologia), a fim de nos elucidarmos sobre o que fizemos e o que estamos fazendo. Estou me referindo à necessidade da pesquisa meta-teórica ou especificamente epistemológica no campo da Comunicação.

Volto à questão da construção da problemática dentro do projeto de pesquisa que implica em conhecer o campo teórico da Comunicação para aí colocar a questão da adequação entre o problema com que se inicia a pesquisa e a sua problemática teórica, entre o

objeto empírico e o objeto teórico. Aqui se coloca a indagação sobre a já mencionada relevância social do objeto de estudo. Quais os problemas que necessitam ser pesquisados, quais as perguntas importantes que devem hoje ser feitas em nossos países latino-americanos? Aqui entram opções que, a meu ver, devem ser as mais conscientes possíveis, declaradamente assumidas, mas que não podem ser respondidas pela ciência, porque são opções valorativas, isto é, políticas, dependentes de uma *weltanschauung*, de uma concepção de mundo do pesquisador.

É aqui, talvez, que teríamos que explicitar até que ponto estão sendo renovadas as “utopias fundantes” dos estudos de Comunicação na América Latina, no dizer de Fuentes (1999), de intelectuais comprometidos com a transformação de nosso contexto renovadamente contraditório, ambivalente, desigual, que já nos valeu as denominações como de terceiro mundo, países dependentes, periféricos, hoje, mercados emergentes, contexto do qual toda investigação deve começar e com ela manter uma relação de compreensão e de superação. Aqui, cabe a crítica ao modo exógeno de pensar, atravessado por temas e questões desviantes, por novas “idéias fora do lugar”. Não se trata de nenhum provincianismo intelectual, pelo contrário, as razões da globalização devem incitar-nos ca da vez mais a fazer aquelas perguntas-problema que têm relação vital com nossa existência social, que são as que mais têm capacidade de apresentar também relevância e pertinência teórica, ou seja, de fazer avançar o conhecimento através da pesquisa.

Fraqueza teórica

É, em primeiro lugar, no manejo da interdisciplinaridade que a fraqueza teórica na pesquisa de Comunicação mais se torna evidente. Para que a interdisciplinaridade não seja apenas uma petição de princípios, praticá-la exige o domínio de teorias disciplinares diversas integradas a partir de um objeto-problema. Assim, é importante salientar que não se trata de “dominar tudo”, mas de um “uso útil” de teorias e conceitos de diversas procedências, um uso que seja sobretudo bem fundamentado e pertinente à construção do objeto

teórico.

Hoje, os problemas de comunicação surgem como importantes nos mais diferentes domínios — economia, política, estética, educação, cultura, etc., em que a pesquisa não pode ficar confinada a uma única dimensão. Além disso, deve-se distinguir entre teorias globais, parciais, disciplinares e temáticas para que elas possam ser trabalhadas ou usadas em função de um problema de estudo. Não há como resolver o domínio de teorias a não ser mergulhar e transitar entre pistas teóricas férteis para fazê-las germinar através de uma contribuição individual que todo o pesquisador deve trazer ao problema investigado.

Mas, a questão da interdisciplinaridade, hoje, parece remeter fundamentalmente ao pensamento complexo e a um renovado modo de produção de conhecimento. Refiro-me à pesquisa integrada, realizada por uma equipe multidisciplinar de investigadores, que possa abarcar o trabalho interdisciplinar em Comunicação de uma maneira mais satisfatória do que a pesquisa individual. Colocada a questão dessa maneira, há que se rever inclusive a organização institucional da pesquisa nos cursos de pós-graduação, hoje fragmentada entre departamentos e linhas de pesquisa que não funcionam. A co-orientação e a integração de orientandos em projetos de pesquisa integrados dos pesquisadores-orientadores são experiências que prometem alterar o insulamento disciplinar e a dificuldade de trânsito interdisciplinar.

Falta de visão metodológica integrada

A teoria deve ser concebida em função da pesquisa que se está realizando, isto é, na direção da experiência do real na qual ela se confronta com os fatos que ela própria suscitou com suas hipóteses. Deste ponto de vista a teoria é sempre uma proposta de explicação, uma eterna hipótese, permanentemente testada pela realidade do mundo.

Quero então marcar o lugar de uma teoria integrada na pesquisa e criticar com isso toda visão dicotômica que dissocia o nível teórico da pesquisa, do nível metódico-técnico, e a etapa da definição do objeto, da etapa da observação ou do trabalho de campo.⁴ Pri-

meiro, porque a teoria continua atuando no campo, pois há sempre uma teoria da observação, apesar de não explicitada, que se expressa através do domínio teórico das técnicas (teoria da amostragem, do questionário, da entrevista, da história de vida) e do domínio teórico dos métodos (etnográfico, sondagem, historiográfico, análise de discurso, etc.). Como indica o modelo, a teoria é um dos níveis da pesquisa e atravessa todas as suas fases.

Entretanto, um dos erros metodológicos mais graves que se notam nas pesquisas de Comunicação são as sucessivas rupturas entre as fase do objeto, da observação e da análise. Essa ruptura se dá no momento da construção do objeto (que geralmente toma o capítulo inicial da pesquisa), quando é montado um quadro teórico de referência (pelo menos através de um grande número de citações bibliográficas), que pouco ou nada remete ao momento da pesquisa de campo (cujas técnicas, sabemos, instrumentalizam os dados e conformam-nos), ruptura que costuma permanecer no momento da análise, quando dificilmente se volta à problemática teórica do primeiro capítulo. Esta questão é grave, pois parafraseando Kaplan (1975), o prólogo teórico serve mais como “título honorífico” a fim de assegurar um adequado status “científico” ao que se segue do que propriamente para marcar o nível teórico que será imprimido ao conjunto da pesquisa.

Deficiente combinação de métodos e de técnicas

A deficiência na combinação entre métodos e entre técnicas decorre quase sempre de um marco teórico ambicioso que não se realiza numa estratégia metodológica do mesmo porte. É o que acontece hoje, por exemplo, com as pesquisas realizadas dentro do marco da perspectiva teórica das mediações. A meu ver, isso acontece menos por se tratar de uma teoria cuja metodologia está em construção, e mais por uma concepção de metodologia arraigada no repetir e no copiar, no comodismo provocado pela visão de metodologia que fornece o “como fazer”. Entretanto, toda pesquisa é uma verdadeira “aventura metodológica”, onde há necessidade de exploração, de criatividade e de rigor. Parece-me que o termo estratégia metodológi-

ca resume bem esta concepção de pesquisa.

Organizar uma estratégia que seja multimetodológica para corresponder à complexidade do objeto da Comunicação e à sua interdisciplinaridade é deter um domínio de metodologia que remete à distinção que Kaplan (1975) faz entre “metodologia da pesquisa” e “metodologia na pesquisa”, reservando a primeira designação para o estudo dos métodos ou a teorização da prática da pesquisa e a segunda para indicar o trabalho de aplicação dos métodos.

O que o autor quer dizer é que um método para ser aplicado precisa ser estudado, o que parece uma obviedade. Uma perspectiva científica é sempre uma perspectiva teórico-metodológica e uma problemática teórica traz sempre acoplada uma problemática metodológica — que são as estratégias elaboradas ao longo do processo de construção/investigação de um objeto.

Entretanto, não é o que acontece em nossas pesquisas. Reflexões metodológicas explícitas são raras de serem encontradas. Par ficar num só exemplo. É difícil encontrar uma digressão explicativa sobre o que entende por hipótese antes de simplesmente enunciá-la; e mais, como ela se constrói teoricamente e quando e como se organiza como hipótese de trabalho; como ela forma um sistema (porque dificilmente a hipótese não é decupada em várias - centrais e secundárias); se é uma hipótese organizada estatisticamente ou não; de que maneira ela vai ser verificada, através de quais relações (de causalidade múltipla, significativa, associativa); se está estruturada em variáveis observáveis ou em variáveis dependentes e independentes; e por aí fora.

Poderia deter-me em muitos outros exemplos, mas creio que o indicador mais adequado para demonstrar o que estou afirmando está na rara presença ou mesmo na ausência de textos de metodologia na bibliografia usada nas pesquisas. A bibliografia de uma pesquisa é o itinerário ou roteiro intelectual percorrido pelo investigador. Expressa o tipo de preocupação com que se defrontou ou que o acompanhou ao longo da pesquisa.

Pois bem, analisando as bibliografias percebe-se que a quase totalidade das citações, ou são teóricas ou são temáticas, indo desde autores clássicos até pesquisas de mestrado ou de doutorado, as quais, muitas vezes, só estão em biblioteca, isto é, nunca foram publicadas

(chamada tecnicamente de “literatura cinzenta”). Isso contrasta enormemente com o reduzido número de textos metodológicos citados, dando a entender que no percurso da pesquisa as “questões de método” não têm sido preocupação dos pesquisadores de Comunicação, a ponto de não sentirem necessidade de seu estudo.

Dicotomia entre pesquisa descritiva e pesquisa interpretativa

Do ponto de vista metodológico, considero deficientes as pesquisas descritivas em Comunicação. Podemos verificar que no modelo, a análise é a etapa da pesquisa que segue à da observação ou coleta dos dados e implica em processos de descrição e de interpretação dos dados. Estas são duas fases metodológicas que não se confundem. A análise descritiva envolve operações analíticas da formação de evidências empíricas representativas naquilo que se denomina “processo de reconstrução da realidade do objeto”. Tal é feito através de métodos descritivos que são “métodos técnicos”, tais como o estatístico, o etnográfico, o historiográfico, a análise de conteúdo, para citar os mais usados nas pesquisas de Comunicação.

De maneira complementar e sucessiva, a análise interpretativa envolve operações de síntese que levam à formação das inferências teóricas e da explicação do objeto, utilizando “métodos lógicos” que são métodos de interpretação.⁶ Em cada uma dessas etapas ocorre a opção, a seleção e a combinação de métodos, cujos critérios sempre decorrem em função do objeto de investigação. Geralmente, cada método acarreta o uso de determinada técnica que é a parte manejável do método.

Com base nessas considerações, desejo sustentar que a descrição constitui a primeira etapa da análise dos dados e que é a interpretação, enquanto sua segunda etapa, é que confere à pesquisa a condição de cientificidade. Trata-se da questão do alcance e validade científica das pesquisas descritivas que não atingem a etapa interpretativa. Independentemente do ponto de vista de que não se pode subestimar esse tipo de pesquisa e que sempre é possível a sua elaboração teórica posterior, não há como deixar de reconhecer a diferença entre *levantamento ou sondagem (survey)* e *pesquisa social (social*

research).⁷

Há várias nomenclaturas para designar essa distinção, principalmente quanto ao sentido do termo “interpretação”, também entendida como explicação, explanação, teorização, etc., mas todas remetem a um determinado nível de análise que é o nível teórico indicado pelo modelo.

O levantamento é um estudo eminentemente descritivo, com ênfase na coleta e sistematização de dados empíricos para utilização prática, enquanto a pesquisa social parte da fundamentação empírica dos dados para contribuir para o corpo de conhecimento teórico e metodológico de um dado campo de estudos, independentemente de sua utilização imediata. Esta é, a meu ver, a condição que deve reger a pesquisa acadêmica de Comunicação, pois somente através da elaboração interpretativa dos dados é que se pode atingir um padrão de trabalho científico no campo da Comunicação. Só esse padrão é capaz de coordenar organicamente teoria e pesquisa, operações técnicas, metodológicas, teóricas e epistemológicas numa única experiência de investigação.

Enquanto isso não ocorrer, nossa pesquisa estará mais ou menos dissociada de um dos objetivos fundamentais do trabalho científico que é a construção de teorias capazes de corresponder e responder aos problemas substantivos que lhe são colocados por nossa realidade comunicacional. Ainda hoje cabe a lúcida observação feita por Martín-Barbero (1982: 100) sobre o trabalho teórico na América Latina, por ele considerado como sendo um “tema-trapaça”, porque “visto sob suspeita”, quando “a teoria é um dos espaços-chave da dependência. Porém, a dependência não consiste em assumir teorias produzidas ‘fora’, o dependente é a concepção mesma da ciência, do trabalho científico e sua função na sociedade. Como em outros campos, também aqui o grave é que sejam exógenos não os produtos senão as próprias estruturas de produção.”

Dicotomia entre pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa

Trata-se de uma falsa dicotomia, pelo menos hoje em dia. Talvez ela tenha se originado a partir da importância que os métodos

quantitativos têm na tradição funcionalista norte-americana e por isso provocado também uma identificação do quantitativo às pesquisas descritivas e do qualitativo às pesquisas interpretativas. Há nisso várias confusões. A primeira é a do limite preciso entre pesquisa quantitativa e qualitativa.

Apesar da lógica da medição que rege a primeira, não se pode esquecer que operações quantitativas se apóiam em dados qualitativos originalmente coletados e em seguida transformados. Em segundo lugar, pode haver a combinação de métodos quantitativos e qualitativos numa única pesquisa, dependendo da estratégia metodológica que se adote. Por exemplo, pode-se chegar a uma amostra qualitativa através de uma quantitativa; quantificar perguntas abertas etc.⁸

Enfim, o uso do número não é exclusivo da pesquisa quantitativa e o recurso numérico ou estatístico não é incompatível com a análise qualitativa. Em terceiro lugar, a maioria dos estudiosos reconhece atualmente a complementaridade entre a quantificação e a qualificação dos dados, apontando como erro a opção metodológica a priori entre fazer uma pesquisa qualitativa ou quantitativa. Antes, há necessidade de refletir sobre a escolha e a aplicação de um ou de outro método de análise a determinado problema, o que implica em reconhecer metodologicamente as vantagens e desvantagens de um método sobre outro em função do objeto de estudo ou até de um aspecto dele.

Observações finais

Para finalizar, reúno esquematicamente os principais pontos do modelo metodológico proposto:

1. A incorporação das condições de produção da pesquisa ao trabalho metodológico em ato.
2. A pesquisa como campo relativamente autônomo e estruturado em níveis e fases metodológicas.
3. O caráter aberto da metodologia, praticada através de uma série de decisões e opções tomadas ao longo da pesquisa.

4. A concepção não-tecnicista e não-dogmática da metodologia como trabalho que proíbe a comodidade de uma aplicação automática de procedimentos aprovados e exige que toda operação dentro da pesquisa deve questionar a si mesma.
5. O objetivo de servir como instrumento de criação e desenvolvimento de disposições intelectuais no pesquisador
6. A ênfase na responsabilidade científica do pesquisador equacionada em termos da legitimidade intelectual e a relevância social do seu trabalho.

Notas

1. Mesmo em países em que a estrutura institucional dos estudos de Comunicação mais se desenvolveu, como é o caso do Brasil e do México, sua tematização é reduzida, constituindo interesse permanente de poucos autores como Melo (1997), Lopes (1997) e Fuentes (1998).
2. Por exemplo, em seminários como da INTERCOM/98, FELAFACS/99, e em números de publicações especializadas: *Journal of Communication*, 1993 (“The future of the field”, dez anos após o número monográfico “Ferment in the field”), Telos, 1989, 1996; *Comunicação e Sociedade*, 1996; *Comunicación y Sociedad*, 1997.
3. A pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo é constituída de dois programas, um de Ciências da Comunicação e outro de Artes. É o maior curso de pós-graduação do país, atualmente com 830 alunos em nível de mestrado e de doutorado. O programa de Ciências da Comunicação tem 500 alunos distribuídos em cinco áreas de concentração: Comunicação; Jornalismo; Cinema, Rádio e Televisão; Relações Públicas, Publicidade e Turismo; e Ciências da Informação. Apesar da descentralização regional que se verifica atualmente na pós-graduação em Comunicação no Brasil, a ECA ainda recebe um enorme contingente de alunos das mais variadas regiões do país, principalmente docentes, o que lhe confere uma grande representatividade da pesquisa acadêmica brasileira.
4. Note-se a brutal redução a que foi submetida a pesquisa, identificada apenas a operações técnicas e ao trabalho de campo. É como aparece na maioria dos manuais de métodos e técnicas, como um conjunto procedimentos rotinizados que dificilmente são problematizados teoricamente, sendo presos ao domínio do “como fazer”.
5. Um dos bons livros de metodologia tem por título *A aventura sociológica - objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social* (Nunes, 1978).
6. É precário o conhecimento sobre os métodos interpretativos nas pesquisas de Comunicação. Nas Ciências Sociais, os princípios dos métodos funcional, dialético e

compreensivo foram inicialmente sistematizados em textos propriamente metodológicos por Durkheim, em "As regras do método sociológico", por Marx, em "Contribuição à crítica da economia política", e por Weber, em "Sobre a teoria das ciências sociais", respectivamente.

7. Ao que parece, nos estudos de Comunicação, essa distinção foi primeiramente problematizada por Adorno e Lazarsfeld que introduziram as designações de "administrative research" e "critical research" para indicar a distinção, ao mesmo tempo, distintiva e complementar, entre o sentido norte-americano de metodologia como "técnicas práticas de investigação" e o sentido europeu de "crítica do conhecimento". Ver Lazarsfeld (1941) e Adorno (1973).

8. Numa recente pesquisa qualitativa sobre recepção de telenovela, tive oportunidade de aplicar a uma grande massa de dados coletados por instrumentos quantitativos e qualitativos, um programa de computação para análise qualitativa, que ajudou a demonstrar, através da organização de códigos e categorias, aspectos relevantes para o estudo.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. *Experiencia científica en Estados Unidos* In: ADORNO, Th.W. Consignas. Buenos Aires: Amorrortu, 1973.
- BACHELARD, Gaston. *Le rationalisme appliqué*. Paris: Presses Universitaires de France, 1949.
- _____. *La formación del espíritu científico*. Buenos Aires: SigloXXI, 1972.
- _____. *Epistemologia*. (textos escolhidos por Dominique Lecourt). Barcelona: Anagrama, 1974.
- BOURDIEU, Pierre. *O campo científico*. In: Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983.
- BOURDIEU, Pierre e Loïc WACQUANT. *Respuestas por una antropología reflexiva*. México: Grijalbo, 1995.

- BOURDIEU, Pierre et al. *El oficio de sociólogo*. México: Siglo XXI, 1975. Comunicação & Sociedade. O pensamento latino- americano em comunicação, 25, 1996.
- FUENTES NAVARRO, Raúl. *La emergencia de un campo académico: continuidad utópica y estructuración científica de la investigación de la comunicación*. Guadalajara: ITESO/Un.Guadalajara, 1998.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GRANGER, Gilles-Gaston. *Pensée formelle et science de l'homme*. Paris: Aubier, 1960.
- GREIMAS, Algirdas.J. e Joseph COURTÉS. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, (s/d).
- IANNI, Octavio. *Globalização: novo paradigma das Ciências Sociais*. Estudos Avançados. São Paulo: IEA/USP, 1994.
- Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação, ano 1, nº 42, São Paulo, Brasil, 04/7/99 (online). Disponível na Internet: jbcc.unesco@umesp.com.br
- Journal of Communication*. The future of the field I e II [número especial], 43 (3 e 4), 1993.
- KAPLAN, Abraham. *A conduta na pesquisa*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1975.
- LAZARSFELD, Paul F. *Remarks in administrative and critical communications research*. Studies in Philosophy and Social Sciences, 9, 1941.

- LOPES, Maria Immacolata V. *Pesquisa em comunicação*.
Formulação de um modelo metodológico. São Paulo:
Loyola, 1ª ed, 1990.
- _____. *O estado da pesquisa de comunicação no Brasil*. In:
LOPES, M.I.V. (org.). Temas contemporâneos em
comunicação. São Paulo: Edicom/INTERCOM, 1990.
- _____. *Por um paradigma transdisciplinar para o campo da
comunicação*. In: DOWBOR, Ladislau, IANNI, O. et al.
(orgs.). Desafios da Comunicação. Petrópolis:
Vozes, 1990.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Retos a la investigación de la
comunicación en América Latina.
Comunicación y Cultura, 9, 1982.
- _____. *De la comunicación a la filosofía y vice-versa: nuevos
mapas, nuevos retos*. In: LAVERDE, M.C. e
R. REGUILLO (eds.). *Mapas nocturnos: Diálogos con la
obra de Jesús Martín-Barbero*. Bogotá: Siglo del
Hombre Editores/ Universidad Central, 1982.
- MATTERLART, Armand. *A comunicação-mundo*. Petrópolis,
Vozes, 1994.
- MELO, José Marques de. *Difusão dos paradigmas da escola
latino-americana de comunicação nas universidades
brasileiras*. Comunicação & Sociedade, 25, 1996.
- MORAGAS, Miguel. *Las ciencias de la comunicación en
la sociedad de la información*. Diálogos de la
Comunicación, 49, 1997.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*.
Lisboa: Inst. Piaget, 1995.
- NUNES, Edson (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro:
Zahar, 1978.

Telos. *América Latina: comunicación, cultura y nuevas tecnologías.* Teoría, políticas e investigación [número especial], 19, 1989. Telos. *La comunicación en América Latina (cuaderno central)*, 47, 1996.

VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente.* Lisboa: Relógio d'Água, 1992 .

WALLERSTEIN, Immanuel. *Análisis de los sistemas mundiales.* In: GIDDENS, Anthony et al. *La teoría social hoy.* Madrid: Alianza, 1990.

WALLERSTEIN, Immanuel et al. *Para abrir as ciências sociais.* Lisboa: Europa-América, 1996.

